

## PAIDEIA E A CULTURA GREGA: BREVES REFLEXÕES

### AUTORES

**Prof. Dr. Thiago FIDELIS**  
Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos - UNILAGO

### RESUMO

A ideia básica do texto é fazer pequenos apontamentos sobre a formação da cultura grega e de sua influência em outros povos e épocas, principalmente através do conceito de *Paideia*, ideal que abrangia tanto a formação considerada mais técnica quanto a formação da personalidade, de atributos ligados, segundo os gregos, à alma humana, influenciando diretamente a formação humana.

### PALAVRAS - CHAVE

Paideia, Grécia Antiga, História da Filosofia Antiga.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde os primeiros agrupamentos humanos, é possível indicar alguns apontamentos sobre a existência ou não de um processo educativo entre os *Australopithecus* e os grupos subsequentes. No período anterior ao aparecimento da escrita, embora a fala não fosse algo usual no processo comunicativo e as mensagens não tinham como base os símbolos escritos, o cabedal de hábitos e costumes eram incorporados pelos mais jovens através do convívio contínuo com as pessoas mais velhas. Assim, pode-se apontar que esse período apresenta um processo educacional mnemônico, ou seja, características e costumes que eram transmitidas durante a vivência entre esses grupos, além dos novos instrumentos desenvolvidos ao longo de anos e tentativas de manuseio de metais, como o cobre e o ferro.

É importante destacar também a arte produzida nesse período, chamada de arte rupestre. Esses desenhos, retratados ao longo tanto do período Paleolítico quanto o Neolítico, retratavam tanto a realidade desses grupos (como uma forma de comunicação entre eles ou com possíveis outros grupos que passariam por ali) como possíveis pedidos ou desejos aos deuses, como por exemplo pedir melhores condições para a caça ou para se protegerem (FEIST, 2003).

No final desse período (por volta de 4.000 a. C., ou cerca de 6.000 anos atrás) os primeiros grupos humanos foram se estabelecendo em locais fixos, deixando sua condição de nômade para adotar uma postura sedentária, ou seja, estabelecendo-se em um único local. Entre vários outros fatores para a ocorrência dessas mudanças, pode-se apontar o desenvolvimento da agricultura e o acesso à água como as principais causas, uma vez que a produção do seu próprio alimento através do desenvolvimento das primeiras práticas agrícolas levou esses seres humanos a terem um acesso mais facilitado aos alimentos, extinguindo a necessidade de procurá-los em outros territórios. Além disso, o desenvolvimento das primeiras atividades agrícolas levou às primeiras trocas comerciais utilizando os excedentes, causando relações mais constantes entre grupos sociais distintos.

A região do Crescente Fértil é costumeiramente apontada como o centro das primeiras civilizações mundiais; próxima à região conhecida atualmente como Oriente Médio, esse território é banhado por vários rios com vales férteis, próprios para o plantio. Dentre a grande diversidade, podemos apontar povos que viveram na região conhecida como Mesopotâmia (termo grego, que significa “entre rios”), grupos que viveram próximos como Fenícios, Hebreus e Persas, além do império egípcio que se desenvolveu ao norte da África, acompanhando a extensão do Rio Nilo.

Como ponto em comum entre essas civilizações, pode-se apontar que a educação formal era bastante restrita. No caso egípcio em especial, saber ler, escrever e fazer contas era um privilégio concedido apenas aos escribas, sacerdotes e grupos ligados ao seu líder, o Faraó; dominar esses elementos era uma forma de demonstração de poder bastante intensa:

As letras úteis não são nem seriam as belas letras, a literatura, mas a preparação, se não ao exercício direto do poder, certamente às funções administrativas do governo (...) escriba é aquele que lê as escrituras antigas, que escreve os rolos de papiro na cada do rei, que, seguindo os ensinamentos do rei, instrui seus colegas e guia seus superiores, ou que é mestre das crianças e mestre dos filhos do rei, que conhece o cerimonial do palácio e é introduzido na doutrina da majestade do faraó (...) (MANACORDA, 2010, p. 35).

Embora alguns povos tenham desenvolvido habilidades de escrita para o uso no cotidiano (como foi o caso do alfabeto desenvolvido pelos fenícios), sua aplicação não era irrestrita; sempre havia o foco para grupos específicos, e essas ordens sociais eram sempre ligadas ao poder e ao controle social. Desde essas primeiras

épocas pode-se apontar o ensino como um processo de manutenção das relações de controle e dominação na sociedade:

O primeiro instrumento do sacerdote-intelectual é a escrita (...) Esta era aprendida no templo ou junto à burocracia e preparava para a profissão de escriba, tanto sacerdotal como laica, mas sempre socialmente prestigiosa e separada em relação às profissões manuais (ela é “mais decente”, “de sucesso”), operada segundo práticas iniciáticas (...) (CAMBI, 1999, p. 67).

## 2. GRÉCIA ANTIGA

Assim, como pensar em uma educação voltada para o desenvolvimento do ser humano de maneira plena, buscando sua integridade tanto física como intelectual e espiritual? Talvez a primeira tentativa de resposta possa ser pensada a partir dos gregos antigos.

Os primeiros povos se reuniram em torno da Península Balcânica margeando os rios Egeu, Jônico e Mediterrâneo. Frente a um relevo montanhoso e recortado, os grupos que ocuparam esse território foram se deslocando até encontrarem regiões com fácil acesso aos rios, e nesse processo de miscigenação nasceram os primeiros grupos com características culturais em comum.

Os grupos familiares reuniam-se em *génos*, formados por pessoas que moravam em uma mesma propriedade e não resumiam-se somente àqueles que possuíam laços consanguíneos: o parentesco era definido por relações de afetividade, e não necessariamente de nascimento. Assim, pessoas nascidas fora da região ou que vinham de outros locais poderiam fazer parte daquele grupo, desde que fossem convidados e integrados pelo geronte, líder do grupo e comandante familiar.

Com o aumento da população, naturalmente os *génos* foram expandindo e aglutinando-se, levando a formações sociais mais complexas; após várias unificações, formaram-se as primeiras *pólis*, cujo significado remonta ao sentido de cidade, ou seja, termo relacionado ao local e a moradia de pessoas que possuíam algo em comum. O sentido público do local, as referências ao administrar e cuidar bem do local fizeram derivar o termo *politika*, chamada da arte de cuidar do local público. Assim, a formação da *pólis* grega difere-se de outros locais exatamente pela característica de uma possível maior integração das pessoas na organização estrutural do lugar, embora a maioria não participasse das decisões políticas (que ficavam a cargo de seus líderes); o que era posto em jogo era o sentimento de pertencimento, de relacionamento mais próximo, de vínculo ao local no qual habitava:

Do ponto de vista topográfico, uma *pólis*, no seu núcleo urbano, dividia-se com frequência em duas partes, que podiam ter surgido primeiro independentemente: a *acrópole*, colina fortificada e centro religioso, e a *ásty* ou cidade baixa, cujo ponto focal era o lugar de reunião (posteriormente também um mercado com lojas), a *ágora*. Um terceiro elemento muitas vezes presente era o porto, mas este podia também formar uma aglomeração separada, embora próxima (é o caso do Pireu, principal porto de Atenas). Por fim, o território rural semeado de aldeias (*khóra*) completava o quadro da cidade-Estado. Esta visão topográfica é mais nossa do que dos gregos, para os quais uma cidade-Estado era formada pela comunidade de seus cidadãos: daí que mencionassem, falando de *póleis*, "os atenienses", "os lacedemônios", "os coríntios", e não Atenas, Esparta ou Corinto. (CARDOSO, 1985, p. 21 e 22).

Assim como as formações anteriores, com o passar do tempo o aumento da população e a complexificação das relações sociais fizeram com que as *pólis* ampliassem suas extensões; ao contrário de outras regiões (como a Mesopotâmia e algumas civilizações orientais, por exemplo) não houve grandes disputas entre

essas *pólis* (já que, mesmo afastadas por condições geográficas, possuíam características culturais bastante parecidas – no entanto, obviamente várias delas entraram em disputas quando suas fronteiras se entrecruzaram, mas tais conflitos não levaram a grandes rupturas), e a partir disso houve a formação das primeiras cidades-Estado.

Em relação a esse conceito, há uma proximidade muito com grande com as formações do Oriente Antigo. Eram construções muito próximas à noção de cidade que temos atualmente, com a diferença de que várias delas se formaram na Grécia sem existir, necessariamente, a figura de uma liderança centralizadora: não há registros esclarecedores da Arqueologia e da Historiografia sobre um possível Rei, Imperador ou Presidente da Grécia, uma vez que cada cidade-Estado possuía sua própria estrutura administrativa. No entanto, esses grupos se reconheciam enquanto gregos, pertencentes à *Magna Grécia* (termo cuja origem remonta ao sul grego, no início da colonização) exatamente pela unicidade cultural entre esses grupos:

Cada cidade, por exigência da própria religião, devia ser absolutamente independente. Era necessário que cada uma tivesse seu código particular, porque cada uma tinha sua religião, e a lei era o resultado da religião. Cada uma devia ter sua justiça soberana, e não podia haver nenhuma justiça superior à da cidade. Cada uma tinha suas festas religiosas e seu calendário; os meses e o ano não podiam ser idênticos em duas cidades, porque a série dos atos religiosos era diferente. Cada cidade tinha sua moeda particular, que, nos primeiros tempos, era ordinariamente marcada por seu emblema religioso. Cada cidade tinha medidas e pesos próprios. Não se admitia nada comum entre duas cidades. A linha de demarcação era tão profunda, que apenas se imaginava que o casamento fosse permitido entre habitantes de duas cidades diferentes. Tal união sempre pareceu estranha, e foi por muito tempo considerada ilegítima. A legislação de Roma e a de Atenas repugnam visivelmente admiti-la (...) (COULANGES, 1966, p. 271).

Entre as principais cidades-Estado do período, podemos citar: Atenas (formada a partir dos povos áticos e jônios), Esparta (descendentes principalmente dos dórios, último povo em grande escala a chegar à Península Balcânica), Tebas (com grande influência dos fenícios, povos que viviam ao leste da Mesopotâmia) e Corinto (sua principal origem entre os aqueus, um dos primeiros povos a ocupar a península), entre várias outras. Cada uma com características políticas e sociais distintas, possuíam aspectos bastante interessantes para a análise. No entanto, o enfoque será em apenas uma dessas regiões, não por ser a melhor de todas, mas por ter a maior influência para a formação da cultura ocidental.

## 2.1 ATENAS

Embora outras regiões tenham contribuído para aspectos da formação educacional ocidental (principalmente os espartanos e a influência no militarismo), foi em Atenas que vários elementos comuns à pedagogia atual podem ser verificados com maior clareza.

Diferentemente de várias cidades-Estado, os atenienses estavam localizados em uma região envolta por planaltos e montanhas, mas com acesso facilitado à água. Desde sua fundação (algo em torno de 2000 a. C.), a região era governada através do regime de monarquia, com uma família no comando e o poder sendo transmitido de maneira hereditária. No entanto, ao longo do tempo várias formas de organização política estruturaram-se na Grécia, sendo que no século VI a. C. passou a vigorar na região o sistema democrático, acompanhando a grande expansão comercial e cultural pela qual a região passava.

Em relação à sua organização social, podemos apontar quatro grandes classes sociais no período: no

topo da pirâmide social estavam os *aristocratas ou cidadãos*, responsáveis pela organização social da cidade (isto é, da política em si); após existia os *estrangeiros*, grupos que vinham para Atenas em busca de um novo local para reconstruírem suas vidas ou atrás das práticas comerciais bem comuns a época; embora muitos enriqueceram bastante, não tinham direito à participação política (tal era exclusividade dos nascidos em Atenas); os *escravos*, grupo que realizava os serviços relacionados à agricultura e à manutenção da cidade; geralmente estavam nessas condições por dívidas não-pagas ou por serem prisioneiros de guerra; e por fim as *mulheres*, grupo que não estava inserido na participação social por ser considerado inferior, menos pleno que os homens; o domínio da mulher era considerado o domínio do privado, onde cuidariam das residências e das famílias, enquanto seus homens trabalhavam e/ou administravam a cidade:

Si intentamos definir jurídicamente la situación de la mujer ateniense, la primera palabra que se nos viene a la mente es la de *menor*. La mujer ateniense ciertamente es una eterna menor, y esta minoría se refuerza con la necesidad que tiene de un tutor, un *kyrios*, durante toda su vida; primero su padre, después su esposo, y si éste muere antes que ella, su hijo, o su pariente más cercano en caso de ausencia de su hijo. La idea de una mujer soltera independiente y administradora de su propios bienes es inconcebible<sup>1</sup> (MOSSÉ, 2001, p. 58).

Exatamente por ter a divisão de gêneros como uma marca muito intensa em sua sociedade, desde muito cedo meninas e meninos já eram condicionados de maneira distinta. Em comum, pode-se destacar o distanciamento entre familiares: diferentemente dos dias atuais, a afetividade entre os pais e filhos não era algo comum (ÁRIES, 1981), e muitas vezes esses mal se encontravam; os homens, absortos nos negócios da cidade ou de suas posses e comércios mal se atentavam ao desenvolvimento das relações em casa; as mulheres, ao administrar o serviço dos escravos e os abastecimentos de comida, roupa e outros móveis para suas residências (que eram grandes construções, envolvendo os escravos e empregados em geral) também em muitas situações mal olhavam para suas crianças. Assim, desde cedo a figura do escravo ou do empregado terá um peso fundamental para a formação dos jovens gregos, uma vez que esses eram, em relação de afeto e ternura, o que essas crianças tinham de mais próximo.

A forma mais comum de ensino passava pelos valores ligados a *areté*, princípio ligado à formação da virtude do guerreiro, do líder ateniense. Esse conceito, bastante comum também em vários outros povos gregos, têm seus sentidos ligados aos primeiros poemas registrados pelos gregos, nas histórias contadas pelo poeta cego Homero: *Ilíada* e *Odisseia*. A primeira obra, colocada como o fio condutor que amarra as bases culturais gregas entre as cidades-Estado, conta a história do amor proibido entre Páris, príncipe de Troia (cidade fora dos domínios gregos) com Helena, rainha de Esparta. Em um texto repleo de referências míticas, o líder espartano Menelau, juntamente com as outras cidades-Estado invadiu a região troiana (que ficaria no atual norte africano) para, em 9 anos, brandir uma grande guerra e resgatar Helena (mesmo que a contragosto desta).

Durante toda a narração, há uma grande valorização da bravura dos homens gregos e dos troianos: não há, necessariamente, bem e mal nessas pessoas, mas sim decisões e valores humanos, como a honra, a ambição, a valentia e a hesitação, entre vários outros aspectos. Logo, a *areté* era valorizada na medida em que os

---

<sup>1</sup>“Se intentarmos definir jurídicamente a situação da mulher ateniense, a primeira palavra que nos vem a mente é a 'de menor'. A mulher ateniense certamente é uma eterna menor, e essa condição se reforça com a necessidade que tem de um tutor, um *kyrios* (espécie de guia divino), durante toda sua vida; primeiro seu pai, depois seu esposo, e se esse morrer antes que ela, seu filho, ou seu parente mais próximo em caso da ausência do filho. A ideia de uma mulher solteira independente e administradora de seus próprios bens é inconcebível (tradução e adaptação nossas).

homens possuíssem autonomia o suficiente para levar a cabo suas decisões e valorizar a dos deuses, uma vez que a presença desses era considerada valiosa o suficiente para que vários aspectos da rotina dos gregos voltassem-se ao culto e às relações diretas com essas divindades.

Na *Odisseia*, a questão relacionada aos deuses é ainda mais forte: no poema anterior, seria vontade deles a vitória dos troianos e não dos gregos. Após a vitória desses e a retomada de Helena, o rei de Ítaca, Ulisses, foi apontado como o principal responsável pela vitória dos gregos, já que tinha burlado todas as armadilhas propostas pelos deuses durante a batalha e dele tinha vindo o plano para a construção do chamado *Cavalo de Troia*, fator determinante para a vitória dos gregos (uma vez que esse cavalo, de tamanho gigantesco, foi um suposto presente de rendição dado aos gregos para os troianos; na verdade, o cavalo estava repleto de guerreiros em seu interior – entre eles Ulisses – que, ao entrarem na cidade, surpreenderam seus residentes, abrindo os portões de Troia para a entrada dos gregos, que selaram sua vitória). Assim, Ulisses seria castigado pelos deuses ao sofrer quase dez anos (o mesmo tempo que durou a guerra) para voltar a sua terra, vendo seu reino sendo disputado por vários outros homens (já que estava ausente há quase 20 anos, e havia sido declarado morto):

Em resumo, a *Ilíada* e a *Odisséia* apresentam vários paradoxos notáveis. Nenhuma outra literatura irrompeu, provavelmente, na escrita com dois poemas tão geniais; e não tiveram sucessores válidos, dado que a escrita verdadeiramente criadora se virou de repente para novas formas e temas. Em numerosos aspectos significativos, os dois poemas estão voltados insistentemente para trás; contudo, simultaneamente, apontam para o futuro sempre que tocam na humanidade do coração do homem (FINLEY, 1963, p. 24-25).

O embate entre a virtude humana e a vontade dos deuses era uma constante no mundo grego: afinal, reconhecer a vontade dos deuses fazia parte da *areté*, e a ausência dessa sensibilidade poderia causar inúmeros problemas, mesmo para aqueles que possuíam todas as outras virtudes bem desenvolvidas.

Partindo dessas reflexões, o conceito educacional em Atenas passa a ter maior sentido com o grande desenvolvimento da cidade-Estado, que ganhou corpo por volta do século V a.C. Entre os aspectos culturais estimulados e desenvolvidos nessa região, várias características discutidas e contempladas são temas ainda bastante atuais: o conceito do belo (discussão em torno da estética), princípios filosóficos relacionados ao comportamento ético e moral humano (organização do pensamento filosófico, principalmente a partir do pensamento de Sócrates), o desenvolvimento do teatro e da poesia grega, a estruturação da democracia como pensamento político, entre inúmeras outras coisas, cujas bases são bastante presentes em nosso cotidiano:

Esse caráter de universalidade posto em essência pela racionalidade, que por sua vez é efeito de um processo de laicização, investe cada âmbito da cultura grega: o científico (basta pensar na geometria que é redefinida de forma cognoscitiva pura, sem dependência ou interferência com a práxis da mensuração prática); o literário (basta pensar na tragédia e em como ela encarna aspectos cruciais e permanentes da “condição humana”: a relação com o destino-vontade dos deuses com Ésquilo; a relação com as leis, a infração do tabu com Sófocles; a desolação diante do fim do mundo com Eurípedes, em *As troianas*); e os filósofos (falando de uma ética ou de uma estética universal, como de uma cosmologia válida para todos, de uma política eficaz para todos os povos, de uma gnoseologia própria do homem enquanto homem) (CAMBI, 1999, p. 73).

Assim, podemos chamar atenção para o conceito muito utilizado para compreender melhor os aspectos educacionais do período, a *Paideia*.

### 3. PAIDEIA – ENTRE A FORMAÇÃO E A PERSUASÃO

Com o vasto cabedal cultural da região e com os afazeres tanto do homem quanto da mulher em Atenas, pouco tempo sobrava às crianças e à sua formação educacional. Assim, era notório que, no seio familiar, dificilmente elas teriam contato com princípios básicos culturais, levando-as ao convívio social.

É a partir desses aspectos que surge a figura do escravo como tutor, como um orientador dessas crianças. Essa função foi fundamental para o desenvolvimento dessa região, uma vez que os trabalhos considerados mais indignos (tanto cuidar da casa quanto da agricultura e de outros afazeres básicos do dia a dia) eram realizados exatamente por essas pessoas. Logo, para o bom desenvolvimento de Atenas e de seus habitantes, a produção dessas pessoas foi de fundamental importância.

A escravidão era considerada nesse contexto como uma dádiva, uma vez que existiam duas opções para os prisioneiros de guerra: ou juntavam-se aos seus mortos e iriam para o outro mundo, ou continuavam sobrevivendo nessa condição (embora a escravidão fosse uma morte social, já que essas pessoas perdiam sua condição humana para submeterem-se às necessidades e caprichos dos vencedores).

Muitos desses escravos eram guerreiros valorosos, líderes culturais e com grande experiência em várias áreas do saber e do conhecimento, além de comerciantes marítimos, hábeis em muitas línguas e com grande conhecimento sobre vários aspectos básicos do conhecimento daquele período. Pela documentação da época e segundo vários pesquisadores, é importante pensar sobre a influência desse grupo na formação da base cultural grega, uma vez que seus conhecimentos foram extremamente importantes para os atenienses em geral.

Como os cidadãos não encontravam tempo suficiente entre seus afazeres para ensinarem aos mais jovens os princípios culturais coube aos escravos essa tarefa. Baseados nos termos *padós* (criança) e *agogos* (conduzir, guiar), surgiu a partir daí a figura do *pedagogo*, aquele que tem por missão orientar a criança rumo ao conhecimento efetivo.

Com esse aspecto a *Paideia* consolidou-se como uma forma de ensino. Geralmente o acompanhamento era individualizado, e restrito às crianças do sexo masculino; durante todo o dia (incluindo o sono) esses meninos eram acompanhados por seus pedagogos, desempenhando inúmeras funções orientadas; embora na condição de escravos, os tutores tinham autonomia para desempenhar seu trabalho com os métodos que achassem mais justos, desde que não ferissem as crianças: “Igualmente significativa é a figura do pedagogo, já um acompanhante – na Grécia – da criança, que a controla e estimula; figura que se transforma e se enfatiza no mundo mediterrâneo com a experiência dos “mestres de verdade” (diretores da vida espiritual e mestres de almas, verdadeiros protagonistas da formação juvenil” (...) (CAMBI, 1999, p. 49).

A primeiro momento, o termo *paideia* era uma derivação de *padós*, significando “o cuidado com as crianças”. No entanto, não esperava-se que os pedagogos apenas “cuidassem” das crianças: a partir do trabalho desenvolvido, no século V a. C. o termo passa a ter o sentido mais comum entre os gregos, ou seja, a ideia da formação integral: os jovens deveriam ser treinados tanto nas artes técnicas quanto na formação da personalidade, dos aspectos morais do futuro cidadão ateniense.

Jaeger (1994) coloca que, a partir do século IV. a.C. , o conceito de *paideia* ganhou um sentido distinto. Com a formação das primeiras escolas e da complexificação da formação acadêmica, a busca pelo sentido interno e do desenvolvimento da alma acabou perdendo um pouco sua importância, sendo resgatados pela inquieta filosofia de Sócrates e de seus seguidores, retomando a *paideia* a partir da busca do interior, do desenvolvimento humano. Assim, a valorização do homem grego passaria, necessariamente, por esses dois aspectos: o técnico e o virtuoso.

#### 4. CONCLUSÃO

As formas da educação ateniense, embora perdessem força com a crise do mundo grego a partir da guerra entre as ligas de cidade-Estado formadas por Atenas e Esparta (confronto esse conhecido como *Guerra do Peloponeso*, onde Atenas foi derrotada e subjugada no século V a.C.), continuaram a influenciar muitos grupos, com métodos bastante próximos daqueles pretendidos e seguidos anteriormente.

Com a invasão de Alexandre da Macedônia à Grécia no século IV a.C., os ideais de cultura grega iriam se esfacelar juntamente com sua política e independência. No entanto, o imperador macedônico fora criado justamente no formato próximo da *paideia*, tendo o filósofo Aristóteles como seu pedagogo. A devoção à cultura grega de Alexandre era enorme, e esse fez questão de reestruturar o que sobrara dos aspectos materiais e imateriais da cultura grega, legando-a aos outros povos que estavam e que estariam sob seu domínio.

O espírito da educação grega influenciou fortemente os romanos, grupo que formaria um grande império a partir do século II a.C., dominando praticamente todos os grandes impérios e territórios nos atuais centro-sul e leste europeu (Península Ibérica e Balcânica), norte da África (Egito e pequenos outros reinos) e Oriente Médio (incluindo locais importantes como a Mesopotâmia, a Fenícia e a Palestina, entre outros). O conceito de *humanitas* desenvolvido pelos educadores romanos era muito próximo do conceito de *paideia*, sendo uma busca por aliar o caráter militar e guerreiro dos romanos com a sensibilidade artística e o desenvolvimento da alma visando o após do mundo dos vivos.

Embora esses princípios tenham sido pouco utilizados após o fim do período antigo (na chamada *Idade Média* – do século V ao XV d. C. a educação de formação cristã também procurava aliar os conhecimentos técnicos com a formação da alma, mas com um outro sentido que infelizmente não será aprofundado nesse breve espaço), seus princípios foram retomados por pensadores do século XVII, que influenciaram de maneira definitiva a formação do pensamento pedagógico do mundo atual. Entre os vários autores, podemos destacar três nomes de extrema importância para uma releitura desses princípios gregos.

O educador moraviano (região que fica na atual República Tcheca) Jan Amos Comenius (1592/1670) costuma ser apontado como o primeiro grande pensador que procurou absorver elementos clássicos para a formação de seu método pedagógico. Vindo de uma família de pastores protestantes, desde muito cedo conviveu com o ensino e a importância do estudo em seu lar.

Após estudar na Alemanha e voltar para seu local de origem, passou a pensar em um método que buscasse a orientação de crianças não só pelo aspecto material, mas também da personalidade: após trabalhar em várias escolas, foi na capital holandesa Amsterdã que publicou sua magistral obra *Didática Magna*, que reúne todos seus princípios pedagógicos baseados em, entre outros aspectos, a valorização da natureza, o estudo sistemático de todas as áreas de ensino sem privilegiar alguma em específico, espírito de fraternidade entre os educandos e perspectiva de vida tanto para a escolha da profissão quanto para as escolhas espirituais, admitindo a ideia de que a religião não deveria ser algo imposto, mas sim uma opção a ser feita. Nas palavras do próprio Comenius:

Oxalá todas estas verdades sejam esculpidas, não nas portas dos templos, não nos frontispícios dos livros, não, enfim, nas línguas, nos ouvidos e nos olhos de todos os homens, mas nos seus corações. Deve procurar-se, na verdade, que todos aqueles a quem cabe a missão de formar homens façam com que todos vivam conscientes desta dignidade e excelência, e empreguem todos os meios para atingir o objetivo desta sublimidade (COMENIUS, 2002, p. 57).



Já o suíço radicado na França Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1776) foi um dos nomes mais importantes no pensamento filosófico, influenciando inúmeros autores ligados ao socialismo e aos contratualistas. Embora sua obra seja vasta e suas interpretações diversas, o aspecto a ser brevemente discutido está ligada à obra *Emílio ou da educação*, publicada em 1762. Nessa obra, Rousseau indica quais seriam os verdadeiros aspectos pelos quais uma pessoa deveria ser educada, baseada nos seguintes pontos: a criança deveria ser entendida como uma categoria a parte, não como um jovem adulto; sua formação não deveria ser só técnica, mas antes de tudo moral, uma vez que na filosofia rousseauiana o ser humano, descendente de Deus, era bom por natureza, mas a sociedade o corrompia de maneira brutal; assim, os educadores tinham como função desvirtuar o ser humano da sociedade, no sentido de orientá-lo para não seguir os passos de grande parte das pessoas, corrompidas pelos desejos e escravas de suas posses. Essa seria a única forma de evitar que esses jovens tornassem-se mais um entre tantos outros que sucumbiam ante as terríveis formas de sociabilidade naquele período.

No entanto, Rousseau considerava praticamente impossível seguir esses pontos para educar alguém, uma vez que os meios sociais eram muito coercivos e cerceariam esses jovens até à sua corrupção (ele mesmo tivera vários filhos e não se responsabilizou pela educação de nenhum deles, ciente da impossibilidade de educá-los seguindo seus padrões): *sendo portanto a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la* (ROUSSEAU, 1973, p. 11).

Alguns anos após a publicação de *Emílio*, um leitor suíço de Rousseau acabou, de certa forma, contradizendo o filósofo e buscando colocar seus pontos de vista em ação: o pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827). Após estudar na Universidade de Zurique e começar a lecionar em pequenos povoados, as reflexões de Pestalozzi expandiram-se a tal ponto de ser altamente crítico do sistema de ensino até então vigente e buscando novos meios da formação cultural das crianças e jovens. Publicou várias obras com reflexões pedagógicas, tendo como destaque *As horas noturnas de um Ermitão* (1780), *Leonardo e Gertrudes* (1781) e *Como Gertrudes ensina suas crianças* (1801) onde expôs seu método, baseado na formação pedagógica com base no conhecimento técnico e em iniciativas ligadas a construção do sentido de autonomia na criança (aspecto tão estudado em vários autores contemporâneos, entre eles o brasileiro Paulo Freire).

Em 1805, criou um instituto em Yverdun e passou a gerir um ambiente de formação própria, onde os professores, funcionários e alunos eram responsáveis, em conjunto, pela manutenção do local, sem apoio do Estado e da iniciativa privada. Embora a escola tenha durado apenas 20 anos, foi bastante famosa por estimular o convívio e fazer com que as crianças (em sua maioria abandonadas, sem lar) tornassem-se parte ativa da escola, participando inclusive de decisões administrativas e pedagógicas juntamente com seus mestres<sup>2</sup>. Entre os vários nomes famosos que passaram pela escola tanto na condição de aluno como de professor, há o alemão Friedrich Fröbel (um dos principais pedagogos da era moderna) e o francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (criador do Espiritismo, mais conhecido no Brasil como Allan Kardec). Nas palavras do próprio Pestalozzi:

E visto que eu fui obrigado, a instruir sozinho sem outras ajudas, as crianças, aprendi a arte do ensino mútuo; e como eu não tive à minha disposição outro meio além do da pronúncia em voz alta, me surgiu naturalmente o pensamento de fazê-los escrever e trabalhar durante o estudo dessas crianças (...) Então eu compreendi como ainda eu estava conseguindo compreender a conexão entre os primeiros elementos e o sistema complexo de cada ciência. E tive consciência pela primeira vez, da imensa lacuna que o estudo confuso e incompleto dos primeiros elementos produz em cada sistema do conhecimento (...) (SOÉTARD, 2010, p. 53).

---

2 Para um melhor detalhamento sobre o funcionamento da escola, ver INCONTRI (1996).

Concluindo, os princípios que uniram a formação intelectual e moral das crianças são debatidos e discutidos há mais de 2.500 anos, sob várias formas e aspectos. Iniciativas atuais, como as escolas de tempo integral e a famosa Escola da Ponte com o método do professor Português José Pacheco (já existem várias escolas com perspectivas parecidas no Brasil, como a Escola Maria Peregrina, de São José do Rio Preto) bebem da fonte dessas reflexões e ações dos gregos antigos e outros pensadores, que através de suas práticas acabaram por ser modelo de uma educação que pretende, se não ser completa, pelo menos ser autonomista, buscando despertar os sentidos para novos horizontes que se delineiam em um futuro cada vez mais próximo.

## 5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **A Cidade-Estado antiga**. São Paulo: Ed. Ática, 1985

COMENIUS, Jan. **Didática Magna**. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga**. São Paulo, SP: Edameris, 1966. 2 v.

FEIST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo da arte**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

FINLEY. Moses. **Os Gregos Antigos**. Lisboa: Edições 70, 1963.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi, Educação e Ética**. São Paulo: Scipione, 1996.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MANACORDA, Mario A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOSSÉ, Claude. **La mujer en la Grecia Clássica**. 4 ed. Hondarribia: Nerea, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.